

# O Ensino Do Inglês Na Escola Moderna

Reflexão pedagógica de âmbito prático aliada à experiência do ensino do inglês no 1º.C.E.B.do ensino público.

---

**Elisabete Pereira Chambel**

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre em ensino do Inglês  
no 1ºCEB

9 de junho de 2017

Versão Definitiva

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS

Escola de Educação

Provas para obtenção do grau de Mestre em Ensino de Inglês no 1º CEB

**A Educação na Escola Moderna**

Reflexão pedagógica de âmbito prático aliada à experiência do ensino do inglês no 1º.C.E.B.do ensino público.

Autora: Elisabete Pereira Chambel

Orientador: Professor Doutor José Reis Jorge

## Agradecimentos

Quero agradecer a todos o que me fizeram crescer.

Aos meus pais por fazerem de mim o que sou hoje e me transmitiram valores de cumprimento, respeito e humildade. Pela transmissão de confiança e de força, em todos os momentos. Por tudo, a minha enorme gratidão!

Aos meus queridos avós, António e Maria, pelo apoio a todos os níveis;

Ao meu irmão por me encorajar sempre a ir sempre mais além e por estar sempre presente nos momentos mais difíceis;

Ao meu marido, pelo apoio em todas as vertentes, pela ajuda e sobretudo paciência que me dedicou, por estar sempre por perto e me ter encorajado de forma incrível sempre com um espírito positivo, por ser um exemplo.

Aos meus muito queridos filhos pelos dias em que se privaram da minha presença, mas que serviram de inspiração para a elaboração deste Trabalho Final de Mestrado, a eles o dedico.

Ao Professor Doutor José Reis Jorge, o meu sincero agradecimento pela compreensão e apoio determinante na elaboração deste Trabalho Final de Mestrado;

Aos professores que no decurso deste mestrado serviram de inspiração para acreditar que vale a pena ensinar.

Ao movimento escutista que me permitiu crescer em valores.

## O ENSINO DO INGLÊS NA ESCOLA MODERNA

### Resumo

De acordo com a prática docente, esta reflexão pretende ser uma ferramenta para adquirir mais competências enquanto professora e promover melhores hábitos de ensino.

A pedagogia diferenciada será o motor desta abordagem considerando grupos turma heterogéneos como contexto.

Há em Portugal um grande grupo de professores que defende métodos pedagógicos diferenciados e segue modelos de Pedagogia Diferenciada: Modelo *High/Scope* e Movimento da Escola Moderna.

Ambos os modelos nasceram por volta dos anos sessenta e setenta do século XX: O primeiro nos Estados Unidos da América, sob a influência de Piaget e o segundo em Portugal, sob a influência de Freinet.

A aprendizagem ativa é o centro do modelo *High /Scope* e a aprendizagem cooperativa é o foco do Modelo da Escola Moderna (M.E.M.).

É defendido por ambos um tempo diário para o estudo autónomo.

O Modelo *High / Scope* usa esse tempo considerando a rotina diária - planejar, fazer, rever e o M.E.M. preconiza o que chamamos tempo de autoestudo.

Os modelos mencionados serão o contexto para desenvolver algumas propostas de atividades com a finalidade de ajudar na diferenciação pedagógica nas aulas de inglês.

**Palavras chave:** *Grupos turma heterogéneos, modelos pedagógicos, Pedagogia diferenciada, Ensino do inglês; Motivação; atividades a desenvolver.*

## Índice

Agradecimentos.....	II
Resumo .....	III
Índice de Figuras .....	V
Abstract.....	VI
1. Modelos de Aprendizagem para uma Pedagogia Diferenciada.....	1
1.1 High Scope .....	4
1.2 M.E.M .....	8
2. Diferenciação Pedagógica, Motivação e Mixed -Ability Groups.....	13
3. Implicações no contexto sala de aula .....	20
4. Conclusão.....	31
5. Bibliografia.....	34

**Índice de Figuras**

<i>Figura 1- High Scope Preeschool wheel of Learning.....</i>	<i>8</i>
<i>Figura 2 - Sistema de organização cooperada. ....</i>	<i>11</i>
<i>Figura 3 - Sugestão de leitura : “the Gruffalo” .....</i>	<i>25</i>
<i>Figura 4 - Obra que pretendo dramatizar com os alunos no final deste ano letivo. ....</i>	<i>26</i>
<i>Figura 5 - Os 4 Pilares da Educação.....</i>	<i>32</i>

Abstract

*According to teaching practice this reflection intends to be a tool to acquire more skills and promote better teaching habits.*

*The differential pedagogy, will be the engine of this reflection considering mixed-ability groups as context.*

*There are in Portugal a large group of teachers who defends differential pedagogy methods and follow models of Differential pedagogy: High/Scope model and the Modern School Movement's.*

*Both models born around the sixties and seventies of the twentieth centuries: the first in the United States of America, under the Piaget's influence; and the second in Portugal, under the Freinet's influence.*

*Active learning is the center of High/Scope model and cooperative learning is the focus of Modern School Movement (M.E.M.).*

*A daily time to autonomous study is advocated by both methods.*

*High/Scope uses this time considering the daily routine - plan, do, review (or individual) and M.E.M. preconizes what we call self-study time.*

*The mentioned models will be the context to develop some activity proposals in order to help differentiation in English teaching lessons.*

**Key-words:** *Mix-ability groups, Pedagogical Model, Differential Pedagogy, Equal opportunities, teaching English, Motivation, Activities to develop.*

### Introdução

Importa no início desta reflexão referir que no ano letivo de dois mil e quinze / dois mil e dezasseis passou a ser integrada no currículo dos alunos do primeiro ciclo a disciplina de inglês. Nesse ano a integração foi apenas no terceiro ano de escolaridade e no ano de dois mil e dezasseis / dois mil e dezassete no quarto ano de escolaridade.

Na verdade, os alunos já tinham tido contacto com a língua, no entanto o contexto era bastante diferente visto que decorria do processo de generalização do inglês no primeiro ciclo do ensino básico. Num primeiro momento o inglês tinha a denominação disciplina de extracurricular, passando mais tarde a ter a designação de Atividade de Enriquecimento Curricular.

A disciplina parecia estar a ter cada vez mais importância, mas como disciplina de enriquecimento curricular, de oferta obrigatória pelas escolas, mas com frequência facultativa por parte dos alunos o inglês não era aprendido por todos os alunos pois nem todos frequentavam a disciplina.

Com a integração do inglês enquanto disciplina curricular a sua importância foi então reconhecida.

Algumas das razões justificativas da integração do inglês enquanto disciplina curricular obrigatória estão presentes no “Relatório técnico: Integração do ensino da língua inglesa no currículo do 1º ciclo do ensino básico”. Segundo Gregório, Perdigão e Casas-Novas (2014), esta decisão “justifica-se por ser mais fácil aprender nessas idades e por isso contribuir quer para uma melhor compreensão do outro quer para o reforço da sua própria identidade. (p.11)”



Importa refletir sobre o que se pode ou consegue fazer para motivar, interessar e por conseguinte, prender a atenção dos alunos no que diz respeito à aprendizagem da língua inglesa:

A perceção dos alunos quanto à utilidade das línguas que podem aprender contribui para o aumento da sua motivação. Em quinze dos países ou regiões participantes no Inquérito Europeu sobre Competências Linguísticas (IECL) a percentagem de alunos, em média, que consideram útil aprender Inglês para a sua educação futura e para competir no mercado de trabalho é mais elevada do que a percentagem daqueles que entendem que o Inglês é útil para a sua vida pessoal. Estas percentagens diminuem de forma significativa para outras línguas. (Gregório, Perdigão e Casas-Novas, 2014, pag.17)

Esta pretende ser uma abordagem do ponto de vista prático, tendo em conta a visão global de uma turma como uma junção de diversidades e o desafio real de ensinar inglês como disciplina curricular aos alunos de terceiro e quartos anos do primeiro ciclo do ensino básico no contexto do ensino público português.

Pretende-se também contribuir para o debate em volta das temáticas da Pedagogia Diferenciada e dos modelos a ela associados tendo em conta a realidade com que nos deparamos, grupos turma cada vez mais heterogéneos.

Cada aluno é um indivíduo único e por isso tem capacidades, interesses, experiências e motivações diferentes para aprender o que quer que seja.

Enquanto docente da disciplina de Inglês, no 1º C.E.B, a procura de respostas e estratégias para tornar o processo ensino/ aprendizagem mais eficaz tem sido uma constante.

Em suma esta reflexão decorre da necessidade de refletir na forma como o ensino é levado a cabo na prática, especialmente em termos de diferenciação

pedagógica e procurar desenvolver e adquirir competências de forma a potenciar um melhor desempenho docente.

Após algumas pesquisas tendo em conta a diferenciação pedagógica como forma de melhorar o processo ensino/ aprendizagem verificou-se que em Portugal são conhecidos e implementados em diversas escolas, modelos de Pedagogia Diferenciada, o modelo *High/Scope* e o Movimento da Escola Moderna. Estes modelos aparecem por volta dos anos sessenta e setenta do século XX, o primeiro nos Estados Unidos da América, com a influência das teorias de Piaget; e o segundo, em Portugal, sob a influência das propostas pedagógicas de Freinet. O modelo *High/Scope* tem como elemento central uma aprendizagem ativa, enquanto que o modelo do Movimento da Escola Moderna (M.E.M.) se centra essencialmente numa aprendizagem cooperativa.

Centra-se assim esta reflexão nos dois modelos referidos como particularmente potenciadores de Diferenciação Pedagógica.

No primeiro capítulo serão abordados os modelos pedagógicos como particularmente potenciadores de diferenciação pedagógica. Já no segundo capítulo procura-se aprofundar conceitos de diferenciação pedagógica e motivação como promotores de oportunidades de aprendizagem para “mixed-ability groups”.

No capítulo três deste trabalho, pretende-se realçar alguns exemplos práticos, no caso específico do ensino do inglês, de atividades que podem permitir aos alunos desenvolver capacidades e competências realçadas pelos modelos educativos apresentados.

## **Revisão de Literatura**

### **1. Modelos de Aprendizagem para uma Pedagogia Diferenciada**

De forma a contextualizar esta reflexão pretende-se agora referir a evolução que o conceito de método de ensino do inglês tem vindo a sofrer ao longo dos tempos.

Mas o que é um método? De acordo com Nunan (2003):

“A language teaching method is a single set of procedures which teachers are to follow in the classroom. Methods are usually based on a set of beliefs about the nature of language and learning.”  
(Nunan, 2003, p. 5)

Segundo Maria Pereira (2011) e Vilson Leffa (1988) os métodos do ensino do inglês têm sofrido várias alterações. Com base nos dois autores acima citados pretende-se sintetizar o processo de evolução metodológica do ensino do inglês ao longo dos tempos.

O primeiro método de ensino do inglês foi um método que se preocupava com a gramática e tradução, o método Gramatical e de Tradução. Nesse primeiro momento a preocupação a nível científico com o ensino das línguas não era ponto de interesse principal. Os pontos mais importantes deste método seriam a leitura e a escrita. A audição e a oralidade ficavam para segundo plano e os alunos eram figuras passivas do processo ensino/ aprendizagem. Os professores por sua vez eram detentores de uma autoridade que parecia fazer deles o centro de todo o processo.

Mais tarde surge o Método Direto ou Natural onde o conhecimento das frases e palavras uteis para lidar com a vida quotidiana e o conhecimento cultural ao nível do país da língua passaram a ser objetivo final.

## O ENSINO DO INGLÊS NA ESCOLA MODERNA

O professor servia de modelo linguístico e os alunos não interagiam no processo ensino aprendizagem poderia apenas existir uma interação com os pares.

A Abordagem Oral ou Ensino Situacional sucede então ao Método Direto, onde o principal objetivo seria estimular a comunicação oral. A linguagem oral era ensinada antes da escrita e as estruturas ensinadas eram contextualizadas em situações concretas. O professor continua a ser o centro de todo o processo dirigindo todas as propostas de atividades.

No Método Áudio Lingual, em que as estruturas linguísticas ganham importância, a gramática e o vocabulário passam a ser aprendidos por imitação e repetição através de diálogos estruturados. Segundo este método o professor tinha como papel principal evitar os erros dos alunos e promover a comunicação na língua estrangeira através da formação de novos hábitos linguísticos. O aluno continua a ter um papel passivo, não participa ativamente na sua aprendizagem não interage com os colegas, não é criativo, o professor controla toda a interação.

Atualmente a Abordagem Comunicativa do ensino das línguas estrangeiras predomina Europa. Ao longo dos tempos, esta abordagem tem vindo a ser reformulada e no momento após várias pesquisas podemos afirmar que a linguagem constitui instrumento de comunicação social.

Segundo esta abordagem o aluno deve comunicar fazendo o uso da língua de forma correta variando com o contexto. O aluno necessita de dominar as formas, os significados e as funções da língua e ser capaz de os contextualizar e ter em conta o processo de negociação do significado. O aluno deixa de ser um agente passivo para se tornar num agente ativo no processo de aprendizagem. O professor passa a ser um facilitador e deve criar um ambiente propício na sala de aula possibilitando ao aluno

expressar as suas opiniões, partilhar ideias e experiências e consequentemente permitir uma maior autonomia na aprendizagem da língua estrangeira.

Almeida Filho afirma que um professor como facilitador desta abordagem comunicativa deve:

Preocupar-se mais com o próprio aluno enquanto sujeito e agente no processo de formação através da língua estrangeira. Isso implica menos ênfase no ensinar e mais força para aquilo que abre ao aluno a possibilidade de reconhecer nas práticas do que faz sentido para a sua vida do que faz diferença para o seu futuro como pessoa. (Almeida Filho, 2002, pag. 42)

De acordo com a realidade vivida na escola moderna onde a população escolar é cada vez mais diversa os professores precisam realmente de deixar de ser meros aplicadores de programas e devem assumir-se como gestores do currículo, reorganizando-o ou recriando-o em conjunto com os alunos de acordo com as situações e necessidades concretas de forma a criar dispositivos de aprendizagem que possam dar resposta à heterogeneidade dos alunos que constituem as nossas turmas.

Para os alunos é importante que toda a aprendizagem tenha um significado, no entanto esse significado é atribuído de forma individual. Assim caso não se consiga dar significado individual à aprendizagem, esta passa a não ter sucesso.

It is easy for students to get frustrated in a class of mixed ability. Stronger students may feel held back, weaker students may feel pressured. The teacher may feel stressed. The best solution to this is to have an open-class discussion about the classroom situation - to ensure the best for everyone it is better to acknowledge the situation and for everyone to agree how to deal with it. It is probably best to stage and structure the discussion. (Gareth Rees, s.d.)

Seguindo o conceito de pedagogia diferenciada como fio condutor desta reflexão tem agora espaço a caracterização de dois modelos de educação que o preconizam e que como já referido estão já a ser implementados em Portugal.

Porque não utilizar a experiência destes modelos na prática pedagógica diária?

Os Modelos de Pedagogia diferenciada que têm aqui lugar de destaque são o modelo da Escola Moderna e o modelo *High/Scope*.

### 1.1 High Scope

O Modelo High/ Scope defende o papel do professor como facilitador e promotor de experiências várias de forma a ajudar o aluno a pensar por si e consequentemente ser autónomo.

Segundo este modelo deve existir uma sequência lógica e participada dos acontecimentos, planeamento, elaboração e revisão.

As rotinas da sala de aula são desenvolvidas em função das aprendizagens dos alunos, considerados na sua individualidade, no que diz respeito a necessidades face ao currículo, aos interesses, ritmos e estilos de aprendizagem. São modelos que preconizam um papel ativo dos alunos na planificação, monitorização e avaliação das atividades realizadas na sala de aula, tornando os alunos gradualmente conscientes do papel que desempenham nas suas aprendizagens.

O professor do modelo High/ Scope deve acompanhar o desenvolvimento do aluno e lançar-lhe desafios.

“A rotina diária numa sala de aula High-Scope envolve tanto o professor como as crianças no planeamento do que a criança vai fazer, na execução das atividades e, em seguida, na reflexão sobre

o que fizeram.” (Hohmann, Banet & Weikart, 1979”)( Julia O. Formosinho, 1998)

Segundo Epstein (2007) o modelo *High/ Scope* centra-se numa abordagem aberta e no desenvolvimento natural da criança. É um modelo educativo orientado para o desenvolvimento da aprendizagem e da própria criança integrando várias perspetivas.

A abordagem interacionista /construtivista do desenvolvimento contextualiza o Modelo High/ Scope que se baseou nas teorias Piagetianas acerca do desenvolvimento infantil.

O desenvolvimento da criança em termos de estádios sequenciais é o centro deste modelo e a criança é considerada como aprendiz ativo que aprende melhor se planear as atividades que desenvolve e posteriormente sobre as quais reflete Epstein, (2003).

“Cada estádio representa uma estrutura qualitativa própria que, por sua vez, forma uma sequência invariante de desenvolvimento universal” (Guerreiro, 2006, p. 33).

De acordo com os dois autores citados as crianças aprendem fazendo. A ação é o ponto de partida para a aprendizagem mantendo uma rotina diária.

O papel do professor é de encorajamento e envolvimento nas experiências ajudando o aluno a resolver problemas e a obter resultados positivos e uma aprendizagem com significado.

A fundação que está na origem do modelo *High/Scope* é a *High/Scope Educational Research Foundation* cuja sede se situa no Michigan, nos Estados Unidos da América. Esta associação dinamiza a utilização do modelo através da investigação (Epstein, 2003).

O site desta fundação ([www.highscope.com](http://www.highscope.com)) disponibiliza vários tipos de informação diversa acerca do modelo e dá possibilidade de formação contínua em *e-learning*. Para além disso é um espaço por excelência de comunicação e troca de experiências, assim como de acesso a vários documentos importantes.

A Associação *High/Scope* Portugal [AHSP] representa no nosso país a fundação *High/Scope*, criada em 2010 com em Lisboa, onde é possível ter formação na área.

Com recurso à informação inserida no site da Associação *High/Scope* Portugal podemos sumariar o processo “plan- do- review” da seguinte forma:

Há três aspectos principais que fazem a diferença na forma como o *High/Scope* aborda a educação das crianças:

**Investigação** – a rocha na qual construímos tudo o que fazemos. O *High/Scope* lidera a educação com mais de quatro décadas de investigação inovadora em educação de infância.

**Aplicação** – às vezes, as excelentes teorias não funcionam no mundo real. O currículo e os produtos *High/Scope* foram testados em dezenas de milhares de horas em salas de aulas reais para demonstrar a validade e eficácia dos resultados das nossas investigações e do formato dos produtos.

**Validação** – o que funciona, fica. O que não funciona, é abandonado. Ao contrário de outras abordagens não baseamos o nosso currículo e produtos apenas na investigação – também os validamos com investigação. E quando descobrimos que há algo que podemos fazer melhor, fazemo-lo.

Quando na base de qualquer ação está uma investigação séria, fundamentada, aplicada e validada, então a probabilidade de uma educação com sucesso é enorme. Na educação não pode nem devem existir modas, publicidade enganosa, nomes que se usam apenas para encher escolas ou salas de aula. Quando falamos em educação falamos em crianças e estas merecem o melhor de cada um de nós!

(*High Scope* Portugal, s.d.)

No modelo *High/Scope* o professor tenta afastar a utilização da recompensa ou da punição como ferramentas de gestão de comportamentos, promove um ambiente



positivo clarificando expectativas e limites. As crianças são ajudadas pelo professor a aprender, a resolver dificuldades, problemas e conflitos. Os pontos fortes dos alunos são realçados e valorizados pelo professor em vez que usa estratégias pedagógicas baseadas na motivação para aprender (Epstein, 2003).

Segundo o mesmo autor existe uma iniciativa na exploração do mundo cujos indicadores principais se relacionam com a curiosidade, independência e autorregulação das aprendizagens, interação com materiais, ações e ideias. Quanto à planificação deve relacionar-se com os planos feitos pelas crianças, por exemplo a tomada de decisões, expressão das escolhas e intenções baseadas nos interesses individuais mais ou menos complexos de acordo com o ano de escolaridade.

Para Epstein (2012) deve haver um compromisso, as atividades devem estar focadas nos interesses das crianças para que desenvolvam a capacidade de se comprometerem e sejam determinadas e concentradas no cumprimento dos seus compromissos.

A resolução dos diversos problemas prende-se com a flexibilidade e inovação na resolução de problemas. É normal progredir-se através da tentativa e erro.

A Figura 1 representa graficamente as ideias chave preconizadas pelo modelo High Scope que apesar de ser usada como referência para o ensino pré-escolar cabe nesta reflexão pois sumariza as ideias chave do ensino no movimento High/Scope.

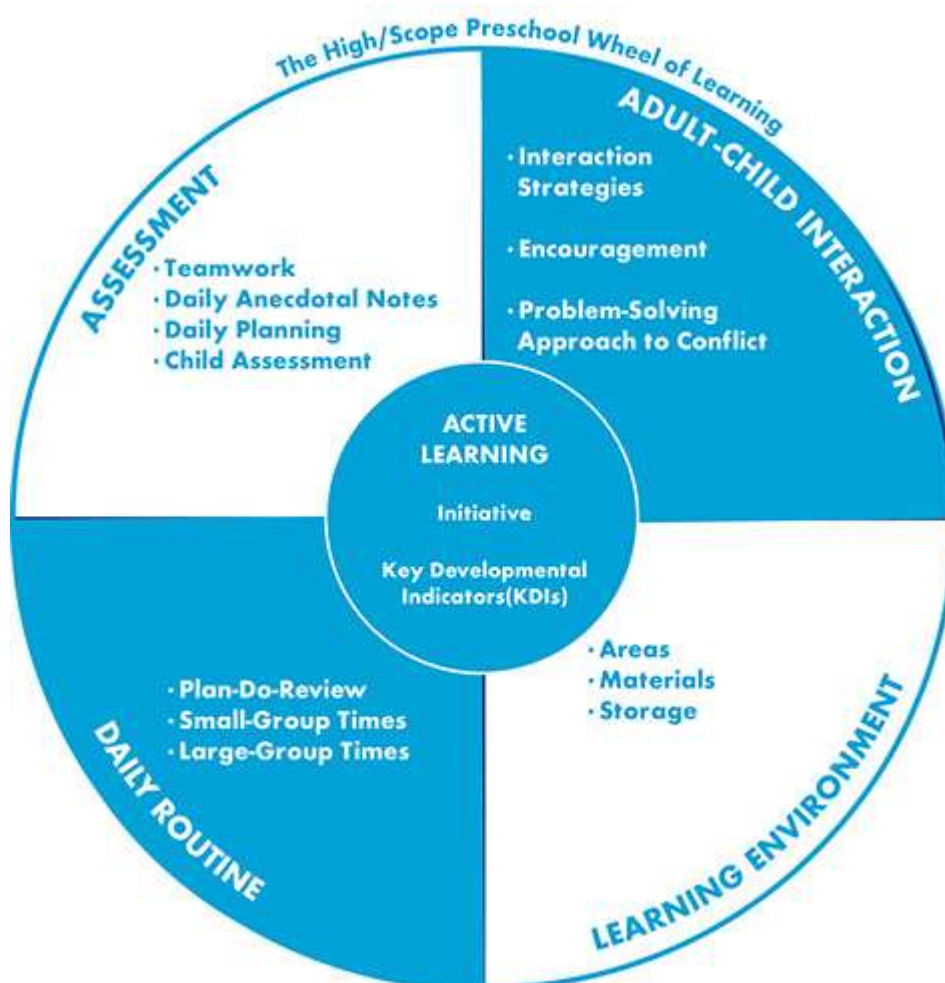


Figura 1- High Scope Preeschool wheel of Learning

(Living Word Early Learning Center: Vandalia -Ohio, USA)

## 1.2 M.E.M

O Modelo Pedagógico do Movimento da Escola Moderna português é um modelo organizado de acordo com uma abordagem sociocêntrica onde a organização cooperativa tem grande importância.

O Movimento da escola Moderna (MEM) teve como génese a “Pedagogia Freinet”. Da abordagem experimental da teoria de Freinet o movimento procura uma ligação com a interação socio centrada e no apoio de outras crianças e dos adultos que vai ao encontro das teorias instrucionais de Vigotsky e Bruner.

A escola define-se para os docentes do MEM como espaço de iniciação às práticas de cooperação e de solidariedade de uma vida democrática. Nela, os educandos deverão criar com os seus educadores condições materiais, afetivas e sociais para que, em comum, possam organizar um ambiente institucional capaz de ajudar cada um a apropriar-se dos conhecimentos, dos processos e dos valores morais e estéticos gerados pela humanidade no seu percurso histórico-cultural. (Julia O. Formosinho, 1998)

O MEM assenta a sua ação pedagógica na comunicação e interação, onde deve existir uma negociação progressiva desde o planeamento à partilha das responsabilidades e da regulação/ avaliação. O espaço da sala de aula deve ser um espaço de partilha de experiências e vivências.

As finalidades deste modelo são assim, de acordo com o Manual acima citado, a iniciação às práticas democráticas, a reinstituição dos valores e das significações bem como a reconstrução cooperada da cultura.

O mesmo modelo defende a existência de um currículo flexível que se dirige ao desenvolvimento intelectual da criança onde a aprendizagem se processa através da ação e não apenas pela repetição, imitação ou memorização.

Quanto à utilização dos recursos prende-se com a exploração do mundo em redor com incentivo à colocação de questões e à exploração de ideias.

Passando à fase de reflexão sobre as suas experiências, as crianças têm que desenvolver-se na capacidade de chegar a conclusões do que aprenderam, acerca de pessoas, materiais, acontecimentos ou ideias.

Um dos objetivos principais do M.E.M é “envolver os alunos no seu percurso de aprendizagem, no sentido da aquisição de uma gradual tomada de consciência do ponto em que se encontram e do que precisam de fazer para poderem avançar no currículo” (Santana, 1999, p. 117).

Segundo Gonzáles (2002) os objetivos do M.E.M são, envolver os alunos na sua aprendizagem, desenvolver a consciência do ponto onde se encontram ou do que podem fazer para avançar na aprendizagem, bem como articular as aprendizagens das diversas áreas curriculares.

Também são consideradas pelo referido autor como objetivos deste modelo o desenvolvimento da autonomia, da interajuda, a socialização e o sentido da responsabilidade e da cidadania.

Diferenciar o trabalho dos alunos, na sala de aula e potenciar as aprendizagens cooperativas são outros objetivos mencionados.

O M.E.M é influenciado pelo socioconstrutivismo e valoriza uma aprendizagem cooperativa.

Vygotsky (1995) sublinha a importância da experiência partilhada, o conhecimento tem lugar através da interação social.

Para Vygotsky (1979) “a única aprendizagem válida é a que se antecipa ao desenvolvimento” (p. 89).

Segundo o autor a interação do aluno com os seus pares gera confronto e consequentemente necessidade de clarificação das suas ideias e esforço de compreensão.

O M.E.M pretende promover o desenvolvimento de formação de práticas democráticas pelos alunos. No modelo do MEM, os alunos devem participar na gestão do Currículo e ser corresponsáveis pelo planeamento das atividades curriculares (Pinto, 2008), Segundo o mesmo autor os alunos também são envolvidos no processo de auto e heteroavaliação.

## O ENSINO DO INGLÊS NA ESCOLA MODERNA

A estrutura do M.E.M assenta numa forma de organização própria da vida em democracia, de acordo com a seguinte estruturação da ação educativa:

- os meios pedagógicos veiculam, em si, os fins democráticos da educação;
- a atividade escolar, enquanto contrato social e educativo;
- a prática democrática da organização partilhada por todos institui-se em Conselho de Cooperação Educativa;
- os processos de trabalho escolar reproduzem os processos sociais autênticos;
- a informação partilha-se através de circuitos sistemáticos de comunicação;
- as práticas escolares dão sentido social imediato às aprendizagens dos alunos;
- os alunos intervêm ou interpelam o meio social e integram na aula “atores” comunitários como fonte de conhecimento nos seus projetos; (MEM, 2013)

No princípio de cada semana, o aluno apresenta à turma o seu Plano Individual de trabalho, registando o que se compromete fazer durante a semana. No final da semana há espaço de avaliação dos trabalhos e as conclusões daí tiradas poderão servir como ponto de partida para a o planeamento da semana seguinte.

O Modelo do Movimento da Escola Moderna assenta em três subsistemas integrados de organização do trabalho de aprendizagem:



*Figura 2 - Sistema de organização cooperada.*

(MEM 2003)

Os dois modelos referidos apresentam-se como promotores de uma pedagogia diferenciada, na medida em que propõem a gestão das rotinas e a organização das atividades tendo como ponto de partida os interesses do aluno. tendo em conta a sua individualidade. A centralidade do processo ensino/ aprendizagem recai sobre o aluno que deve participar na planificação, na execução e na avaliação orientada das atividades.

O aluno passa assim a ter consciência do que aprende, como e porquê aprende.de forma gradual.

De acordo com os dois modelos o aluno deve ter um tempo específico para trabalhar de forma individual, em pequenos grupos ou a pares, onde serão responsáveis pela planificação, desenvolvimento e avaliação das atividades desenvolvidas.

O objetivo destes dois modelos é sem dúvida a adequação da escola às necessidades individuais dos alunos e ambos preconizam momentos de trabalho diário individual e autónomo como momentos facilitadores do processo de diferenciação.

Nos dois modelos o professor não tem um esquema organizado que deve seguir à risca, mas sim a liberdade de construir com os alunos o saber fundamental. O trabalho de grupo e o trabalho de projeto ganham destaque.

## 2. Diferenciação Pedagógica, Motivação e Mixed -Ability Groups

“In a differentiated classroom, the teacher proactively plans and carries out varied approaches to content, process, and product in anticipation of and response to student differences in readiness, interest, and learning needs.”  
(Tomlinson, 2001, p. 7)

### 2.1 Diferenciação Pedagógica

A concepção do processo de ensino/ aprendizagem do inglês enquanto segunda língua tem vindo a ser reajustada ao longo do tempo, também a visão de um ensino centrado no professor também tem de ser reformulada.

Não podemos esquecer que cada um tem o seu ritmo, diferentes capacidades ou envolvimento sociocultural. O ser humano não é tábua rasa e todo o conhecimento que adquire vai sendo adicionado como experiência vivida e independentemente de ser mais ou menos importante constitui o nosso “*background*”. Somos seres únicos e por isso temos experiências únicas. Porque não partir deste ponto de partida para que o processo ensino/ aprendizagem tenha verdadeiro significado.

Vários foram os autores que se empenharam no sentido de clarificar o conceito de diferenciação pedagógica:

A necessidade da Escola fazer desenvolver competências semelhantes em alunos com características, necessidades e interesses diferentes está relacionada com o conceito de Pedagogia Diferenciada.

## O ENSINO DO INGLÊS NA ESCOLA MODERNA

Com a Pedagogia Diferenciada pretende-se promover o sucesso escolar, pela concretização de três grandes objetivos: melhorar a relação aluno/professor, enriquecer a interação social e o desenvolver a autonomia do aluno (Przesmycki, 1991).

De acordo com Heacox o professor deve procurar ser rigoroso, reconhecendo as diferenças individuais. Deve tentar ter em conta a exequibilidade das tarefas por parte do aluno, procurando centrar-se no essencial da aprendizagem, no entanto os conceitos não são abordados de forma artificial pelo contrário ao promover o envolvimento ativo por parte dos alunos os conteúdos serão abordados de forma abrangente e profunda.

As diferenças individuais do aluno podem prender-se com diversos fatores. Segundo Howard Gardner e a sua teoria das inteligências múltiplas “a definição de inteligência, ou de o que é “ser inteligente” foi ampliada” segundo esta teoria

“os pontos fortes e as limitações de raciocínio dos alunos afetam não só a sua facilidade em aprender, como a forma de eles poderem fazer uma representação mais adequado do que sabem.”(Heacox 2006)

O processo de diferenciação, apesar de ser centrado no aluno tem indiscutivelmente que partir do professor, o qual também desempenha um papel preponderante, até mesmo fulcral em todo o processo.

O professor deve procurar explicar todo o processo de diferenciação tendo em conta uma premissa importante, o ensino diferenciado não serve apenas os alunos com dificuldades de aprendizagem ou a qualquer outro nível, mas sim todos os alunos de uma turma de forma individualizada.

O docente deve monitorizar, adaptar estratégias e adequa-las a cada aluno avaliando os interesses e competências.



Mas não seria mais fácil continuar num registo de “teacher centered lesson”?

Não estaríamos com certeza a oferecer aos alunos o que realmente precisam se continuássemos a preconizar tal forma de ensino, mas sim a premiar o insucesso.

Muitos professores consideram ainda o ensino diferenciado como a atribuição de mais trabalho aos alunos mais rápidos ou menos aos mais lentos. Esta visão redutora do que pode ser a diferenciação pedagógica deverá ser abandonada de forma a permitir mudar o paradigma essencialmente do que é ensinar inglês a alunos desta faixa etária.

O professor deve promover a realização de trabalho de grupo, agrupando os alunos de acordo com diferentes estratégias de ensino para que possa cumprir vários objetivos, tendo em conta que os grupos devem assim ir variando na sua constituição. Neste âmbito os alunos devem sentir que o seu trabalho é relevante e as atividades devem ser estimulantes.

O elevado número de alunos que hoje em dia formam uma turma pode ser fator de desmotivação para um professor visto o processo de diferenciação requerer mais tempo de preparação e empenho da sua parte, no entanto neste campo são realmente necessárias vontade e persistência. Este processo pode ser facilitado através do desenvolvimento de competências por parte do professor e a aquisição de uma maior independência por parte do aluno.

O objetivo do ensino diferenciado é segundo convicção própria aumentar a probabilidade de todos os alunos serem bem-sucedidos:

“todos os alunos, sob formas diferentes, aos seus próprios ritmos”  
(Diferenciação Curricular na Sala de Aula, Diane Heacox, Cap.1,p. 10)

“A diferenciação é um processo de duas etapas:

1. O professor analisa o grau de estímulo e de variedade nos seus plano de ensino actuais. 2.
2. O professor modifica, adapta ou elabora novas abordagens de ensino, em resposta às necessidades, interesses e preferências de aprendizagem dos alunos (Diferenciação Curricular na Sala de Aula, Diane Heacox Cap.1 pag.12,)"

Existem várias variáveis que nos ajudam a conhecer melhor as diferenças que podem existir e apresentam alguns fatores que podem afetar o desempenho do aluno. Tais variáveis podem influenciar ou afetar o desempenho escolar do aluno: as capacidades cognitivas, os estilos de aprendizagem ou fatores socioeconómicos e familiares.

O conceito de diferenciação pedagógica antecede o século XX, no entanto está mais atual do que nunca dada a necessidade premente de procurar desenvolver no aluno uma capacidade de autoconhecimento e autonomia tendo em conta o seu passado e as experiências vividas em várias vertentes. Não podemos de forma alguma apagar ou esquecer tais vivências pois como já referido influenciam as experiência e conhecimento futuro.

De acordo com o *“Manual de Desenvolvimento Curricular para a Educação de Infância”*(Iram Siraj-Blatchford, 2004) a experiência dos alunos, neste caso já dos alunos do ensino pré-escolar, deve ser considerada como um *“Currículo Natural”*, todas as crianças já terão estabelecido os seus próprios padrões de aprendizagem, os quais são desenvolvidos durante as suas experiências diárias *“naturais”*.

Já Piaget preconizava a ideia de adaptação intelectual como um mecanismo de aprendizagem que envolve as crianças na elaboração das suas próprias estruturas mentais à medida que assimilam e incorporam novas experiências e se adaptam aos meios social, físico e material. Piaget refere ainda a influência das relações estabelecidas

entre as crianças e os adultos, bem como com os seus pares como motor de desenvolvimento intelectual, o que não parece trazer dúvidas quanto à importância do papel do professor acima referido no processo de diferenciação.

Para Maria do Céu Roldão (2000, p. 39) , diferenciar o ensino é responder às especificidades de cada um, “é assim, [...] um meio de promoção da equidade, o que sustenta a ideia de que o esforço de diferenciação não deve só abranger o currículo nuclear, mas também elegê-lo como alvo da diferenciação por excelência”.

Vygostky (1978) ao desenvolver o conceito de “Zona de desenvolvimento Próximo” vem desde logo sublinhar tal importância de tais relações.

“A distância entre o nível de desenvolvimento real pela resolução de problemas individuais, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado pela resolução de problemas com a ajuda de adultos ou em colaboração com alguns pares mais aptos.”(Vygotsky,1978,p.86)”(Iram Siraj-Blatchford, 2004)

Pode assim considerar-se que a referida “Zona de Desenvolvimento Próximo” pode ajudar o aluno através do apoio e motivação.

### **2.2 Motivação**

Segundo Vygotsky (2003) o processo de aprendizagem pode ser definido como a forma como os sujeitos adquirem novos conhecimentos, desenvolvem competências e modificam o comportamento, é uma mudança relativamente estável do comportamento, de uma maneira mais ou menos constante, conseguida pela experiência, pela observação e pela prática motivada.

Nesta parte da reflexão pretende-se salientar a importância da motivação no processo de ensino/ aprendizagem tendo como principal objetivo o sucesso escolar. O envolvimento dos alunos em cada atividade desenvolvida ou solicitada, neste caso na disciplina de inglês varia em função de diversos fatores motivacionais.

A motivação para comunicar torna-se bastante mais visível quando abordamos algo que nos interessa e se o objetivo é realmente promover a comunicação através da língua inglesa faz todo o sentido ter como ponto de partida o próprio aluno e os seus interesses bem como os interesses do grupo turma para reforçar a motivação para a aprendizagem desta língua.

Segundo o “Guia de intervenção em Neuroeducação” de Ana Saldanha e Tomás Ortiz cuja apresentação tive o prazer de assistir:

“as emoções e as motivações são verdadeiros impulsionadores de qualquer aprendizagem humana”.(Ana Saldanha Tomás Ortiz, 2017, p. 53)

Se para os adultos é indiscutível que se estiverem motivados para a realização de uma determinada tarefa esta se realiza de forma mais eficaz, para as crianças não é menos verdade.

“Segundo Damásio (1996), as emoções são consideradas como parte integrante do processo racional, lógico, na tomada de decisões e da aprendizagem humana posto que a emoção permite nos fixar a nossa atenção em algo e sobretudo favorecer que se leve a cabo uma acção”. (Ana Saldanha Tomás Ortiz, 2017, p. 54)

No Guia acima citado Ana Saldanha e Tomás Ortiz referem existir várias definições sobre a motivação, algumas das quais justificam a motivação como estado de energia, excitação emocional que nos leva a realizar uma conduta.

No entanto, durante uma aula constata-se que é difícil manter o mesmo entusiasmo durante toda a aula.

“Os estados de motivação e desmotivação não são permanentes, pelo que durante uma aula o aluno pode passar por vários estados sucessivos” (Ana Saldanha Tomás Ortiz, 2017, p. 57)

Um aluno motivado e envolvido no processo ensino/ aprendizagem, desafiado a participar ativamente será um passo muito importante ou mesmo fulcral para o sucesso deste processo. A motivação pode assim ser um pilar essencial para uma aprendizagem efetiva e pode ir sendo recuperada ao longo de uma aula.

Ao planejar qualquer atividade o professor deve ter em conta o universo de cada aluno nos seus diferentes aspetos, devendo preocupar-se com a aprendizagem individual tendo em conta perspetivas mais amplas do que o simples planejar de tarefas de tipo cognitivo, sendo necessário pensar no indivíduo como um todo, pensamento que também é defendido por *Zabala (1998)*.

Como experiência adquirida e após várias pesquisas podemos constatar que para conseguir motivar um aluno podemos começar por fazer um “brain storming” e através de conversas, perguntas, observação dos seus trabalhos desenvolver as suas capacidades, promovendo atitudes positivas criando um clima positivo para a aprendizagem. No caso específico do ensino do inglês promover uma discussão com os alunos acerca da ligação entre o que aprendemos (input) e a vida diária.

Será também importante no sentido de motivar o aluno ter expectativas elevadas, promover um feedback construtivo e consequentemente um sentimento de autoconfiança e consequente motivação.

“Para que um professor consiga manter o equilíbrio do factor motivacional tem de conhecer o melhor possível os interesses dos seus alunos para que possa partir daí para uma motivação efetiva,(Ana Saldanha Tomás Ortiz, 2017, p. 57)

No mesmo guia é referido que o cérebro pode mudar os seus processos de atividade num determinado momento em consequência de uma coisa nova ou de uma curiosidade.

O objetivo principal da motivação é que a criança pudesse facilitar, ganhar e integrar o seu próprio desenvolvimento, de forma equilibrada.”(Ana Saldanha Tomás Ortiz, 2017, p. 59)

Por último, a motivação no contexto escolar tem sido avaliada como um determinante crítico do nível e da qualidade da aprendizagem e do desempenho. Um aluno motivado revela-se ativamente envolvido no processo de aprendizagem, insistindo em tarefas desafiadoras, despendendo esforços, utilizando estratégias apropriadas e procurando desenvolver novas capacidades de compreensão e de domínio. Manifesta entusiasmo na execução das tarefas e brio relativamente aos seus desempenhos e resultados. Criar esta cultura de atuação na escola poderá ser o pilar essencial para a ação de aprender.(Afonso Lourenço, Paiva, & Olímpia, 2010)

### **3. Implicações no contexto sala de aula**

A escola deve, de acordo com Formosinho (2013), ser um espaço de iniciação às práticas de cooperação, solidariedade e vida democrática. Assim, deve existir uma negociação progressiva desde o planeamento à partilha das responsabilidades e da regulação/ avaliação.

A escola é vista também como comunidade e espaço de partilha de experiências.

Apresenta-se agora um exemplo prático em que o interesse individual de um aluno pode motivar o restante grupo. Este exemplo prende-se com uma aula a partir de uma viagem feita a Londres por uma das alunas. Nesse dia o plano de aula previamente delineado deu lugar a um planeamento em conjunto e a uma partilha de experiências bastante enriquecedoras. Não foi apenas a aluna que fez a viagem que partilhou a sua vivência, incrivelmente todos tinham algo a dizer e a relatar. Realmente o plano de aula não foi cumprido, mas no final pode afirmar-se que a motivação dos alunos bem como o entusiasmo excederam qualquer expectativa.

O ensino do inglês vai muito mais além do cumprimento de metas curriculares. É realmente importante serem cumpridas e constituírem referências fundamentais para o processo ensino / aprendizagem de uma língua. É também verdade que clarificam as prioridades e definem o conhecimento a adquirir e as capacidades a adquirir

No entanto, não será ousadia poder afirmar que são muito mais atingíveis através de desafios e projetos, lançados e planeados em conjunto.

A aprendizagem do inglês tem de ter um objetivo, uma intenção, por isso tem de estar de acordo com a realidade de cada um.

A interdisciplinaridade, a vida quotidiana, os interesses individuais, o empenho e a motivação, a interação com os pares e até mesmo com as famílias são fulcrais.

No que respeita à disciplina de inglês existem algumas atividades que podemos recorrer em prol destas diretrizes.

Para que o Trabalho autónomo seja real o aluno deve participar elaboração da sua própria aprendizagem de forma livre embora orientada. Neste sentido após várias pesquisas cabe agora nesta reflexão apontar algumas atividades que permitem de forma

orientada fazer com que os alunos se consigam expressar de forma motivada e empenhada.

Estas atividades devem ser visualizadas no contexto dos dois modelos de pedagogia diferenciada já referidos.

A linguagem oral é, depois da linguagem gestual, que experimentamos primeiramente como seres humanos, uma das formas mais importantes de nos comunicar com o mundo que nos rodeia.

Como professores de Inglês como língua estrangeira, por vezes pela primeira vez, uma das primeiras conexões com as crianças é a língua oral.

De acordo com Kirkland e Patterson (2005) os ambientes de sala de aula devem ser ricos, impressos com a linguagem das crianças, estes dois autores acreditam que as crianças preferem ver o seu próprio trabalho, ao invés de materiais comprados em lojas de material escolar e fornecedores. Assim, as exposições na sala de aula são muito importantes quando as consideramos como um ajudante comunicativo. Num primeiro momento a apresentação de trabalhos também pode ser vista como um passo importante para permitir que as crianças se sintam confortáveis com uma linguagem diferente e com o ambiente de sala de aula. A planificação de atividades como esta é bastante importante e mais frutífera se for elaborada em conjunto, como atividade de grande grupo e vivenciada como desafio ou projeto a cumprir.

As exposições mencionadas têm de ser extensões funcionais e representativas de estudos, formas de compreender melhor os itens gramaticais ou de vocabulário.

Os projetos para as atividades diárias da sala de aula devem ser apresentados como imagens e palavras para que as crianças sejam capazes de usá-los de forma independente. Gráficos, fotografias, imagens ou até mesmo material adquirido ou



trazido pelos alunos podem enriquecer e facilitar atividades de experiência com a língua. Assim os desafios de sala de aula transformam-se em facilitadores da aprendizagem da língua. Este uso da linguagem representativa das crianças na sala de aula proporciona um bom processo comunicativo de ensino/ aprendizagem.

As crianças compreendem a funcionalidade da linguagem quando se veem e se ouvem a si mesmas e outras pessoas que participam em diferentes atividades que fornecem aprendendo em contexto.

“The use of displayed environmental print and opportunities to utilize that print in meaningful activities connects signs, symbols, and logos found in the world of the child to print in the classroom” (Kirkland, Aldridge, & Kuby, 2002).

“In a print rich classroom, teachers will notice children’s collaborative efforts to use this functional print available to them as they attempt to make sense of their classroom and their world.”(Smith, 1988; Strickland & Taylor, 1989).”

Em relação à abordagem comunicativa do ensino do inglês no primeiro ciclo do ensino básico e usando experiência adquirida como diretriz, considero a História como uma das maneiras mais importantes de se comunicar com as crianças. Se num primeiro momento podemos olhar para uma história como forma de entretenimento, se pararmos e pensarmos não é difícil encontrar um leque vastíssimo de ideias sobre como podemos usar uma história como uma ferramenta comunicativa impulsionadora de transmissão de ideias.

As Histórias são contadas e retransmitidas desde o início da existência humana, por vezes podem ser alteradas ou modificadas, mas todas têm um propósito, uma função, um significado ou uma intenção. Parecem ter personagens talhadas à nossa semelhança, ou pelo menos, partilhar características que se podem relacionar. Quando ouvimos uma história que gostamos, muitas vezes pensamos nos personagens

## O ENSINO DO INGLÊS NA ESCOLA MODERNA

como se pudéssemos estar a atuar, como se fossemos eles, faz parte da nossa imaginação humana. As histórias podem promover sentimentos ou emoções, com elas ou através delas sonhamos, sofremos, acreditamos. Podemos comunicar através de histórias.

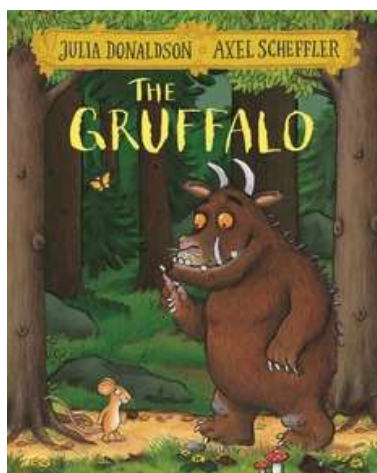
Neste caso a História na disciplina de inglês serve o propósito de motivar os alunos para a aprendizagem desta nova língua.

Como professores de inglês enquanto segunda língua, podemos usar a narrativa para ensinar uma história de uma cultura, para transmitir princípios, distrair ou até mesmo para contextualizar algum tipo de vocabulário ou item gramatical.

As histórias também podem ser usadas para educar, provocar ou agitar, incitar ou estimular intelectualmente, inspirar, como inovação ou mudança social, para prever e moldar o futuro, moldar e mudar preconceitos sociais, mas também para dar significado à nossa vida e para nos conhecermos melhor.

Como uma representação da vida real os alunos podem por exemplo encontrar personagens de história que gostariam de ter como amigos. Podemos refletir-nos numa história, a nossa profissão ou a nossa posição na vida, ou mesmo como quem gostaríamos de ser e, portanto, sermos livres e estar confortáveis para experimentar uma nova linguagem. Precisamos de histórias para promover oportunidades de conversar sobre experiências próprias, passadas, presentes e futuras. Considerar a história como um ótimo promotor e facilitador para o processo de diferenciação pedagógica não será exagerado.

Uma sugestão de leitura:



*Figura 3 - Sugestão de leitura : “the Gruffalo”*

Em extensão à história podemos incluir o drama como uma maneira fácil de expressar sentimentos e pensamentos, para colocá-los em palavras, neste caso, pode ajudar as crianças a expressar-se usando uma nova linguagem.

O drama pode promover um reforço da linguagem aprendida e ajuda a entender, reter e reforçar vocabulário e estrutura de frase através de “role-play” e jogos de comunicação e oferece boas práticas de escuta.

“It can help to restore the totality of the situation by reversing the learning process. Learning a second language can be enjoyable, stimulating and meaningful when combined with drama activities” (Mordecai, 1985).

As referidas atividades dramáticas estão fortemente relacionadas com a Abordagem Comunicativa, uma vez que ambos visam melhorar a competência comunicativa.

O recurso ao drama pode contribuir para redefinir o papel do professor, passando este de figura central para o papel de apoiante do processo de aprendizagem, e os alunos

podem assumir mais responsabilidade pela sua própria aprendizagem. O professor terá um papel menos dominante na sala de aula e permitirá que os alunos explorem as atividades de linguagem e, como com a história vão sentir-se livres para experimentar a língua. Na sala de aula centrada no aluno, cada aluno é um potencial professor para o grupo.

Recorrendo aos modelos educativos supramencionados, *MEM* e *High Scope*, que promovem este tipo de método de ensino / aprendizagem, as crianças podem decidir o que fazer e aprender com a sua própria experiência bem como partilha-la. O professor é um guia que os ajuda a alcançar alguns dos propósitos e objetivos estabelecidos para a sua idade. Com esse tipo de liberdade, eles podem escolher como preferem aprender esta nova língua e como comunicar o que querem e quando querem.

“Using drama in the ESL classroom is not a new concept. Drama provides an excellent platform for exploring theoretical and practical aspects of the English language.”(Whiteson,1996).

“Drama can be defined in a number of ways, one of which is “any kind of activity where learners are asked either to portray themselves or to portray someone else in an imaginary situation.”(Holden, 1982)

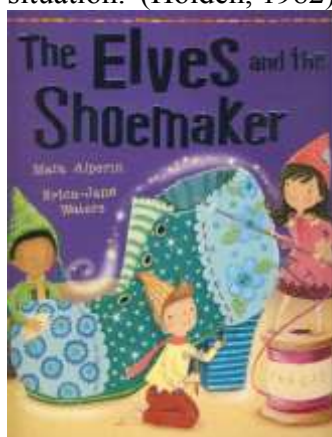


Figura 4 - Obra que pretendo dramatizar com os alunos no final deste ano letivo.

Para além da história e o do drama há algumas atividades que como os professores de inglês como segunda língua podemos promover no contexto da sala de aula, um deles é o já mencionado role play.

“a classroom activity which gives the student the opportunity to practise the language, the aspects of role behaviour, and the actual roles he may need outside the classroom.” Livingstone (1986: 6)

“The most common situations for role plays are those in which the students may need to function in the target language.” (Richard-Amato, 1996, p.182)

Para promover esse tipo de atividade, devemos ter em mente que as situações também devem ser familiares para os alunos. As crianças podem ver-se como personagens interagindo com seus pares, fingindo que são outra pessoa, um adulto ou mesmo o seu personagem favorito da história.

“Appropriate situations include topics that students see or in which they participate in their own lives. Examples include shopping, interacting at school, talking on the telephone, asking for directions, making appointments, and attending business meetings” (“Drills, Dialogues, and Role Plays”, 2007).

A mímica e os gestos também serão capazes de facilitar a comunicação, compreensão e participação. Além disso, a mímica e os gestos vão fazer parecer um professor mais carismático. Colocar-nos lá fora, sem medo, demonstra confiança. Os nossos alunos serão, portanto, mais envolvidos e o que estão a aprender na sala de aula passa a ter mais sentido.

Por exemplo, uma das coisas que podemos fazer quando um aluno nunca teve contacto com a língua é recorrer ao uso da mimica associada a um significado e assim estamos a promover um momento comunicativo.

Gesticular ajudará as crianças a associar palavras e frases comuns com certas ações, o que acelerará sua aprendizagem e lhes dará mais confiança.

Non-verbal representation of an idea or story through gesture, bodily movement and expression helps to develop students' powers of imagination and observation, and can also be quite simply, a source of great enjoyment: The purpose is not to replace the features of communication but to enrich them. Holden (1981, p.26)

Para além disso, a simulação é um facilitador comunicativo, um modelo de aprendizagem de línguas que permite que as crianças se expressem aos seus pares, em grupo ou em pares. Esta atividade está relacionada com o “Role Play”, mas na simulação as crianças fingem ser elas próprias e não são obrigadas a fingir ser outra pessoa.

Os alunos também podem receber diretrizes descrevendo a natureza dos personagens que encarnam. A característica distintiva de uma simulação é, então, que pode exigir um certo conhecimento ou experiência relacionada com as personagens.

“Simulation is often a problem-solving activity to which the student brings his own personality, experience and opinions” (Livingstone, 1983)

“A simulation activity is one where the learners discuss a problem within a defined setting.” (Davies, 1990)

Finalmente, mas também muito importante, dado que aprendemos com exemplos, a própria atitude do professor é relevante enquanto elemento facilitadores das aprendizagens.

Segundo a teoria de Harmer (1988), o afeto, a forma de estar, a forma como se apresentam as atividades e a atitude são aspetos cruciais da motivação. Para se concentrar em melhorar a positividade do afeto, os professores podem tentar minimizar a sua postura como controladores, introduzir cores mais coloridas (e cuidadosamente escolhidas) até mesmo na decorações de sala de aula. Devem promover mais atividades e discussões na turma sobre temas que os alunos acham interessantes, independentemente do que estejam a aprender.

Para melhorar a motivação para as atividades, os professores devem tentar encontrar um equilíbrio entre desafio e exaustão. As atividades muito simples não motivarão os alunos é preciso desafia-los a ultrapassar os seus limites para permitir ir mais além.

Para melhorar a motivação através do alcance de uma determinada meta, os professores devem primeiro determinar que tipo de exigência está implicada numa atividade. Para alguns alunos alguns autocolantes são suficientes para os motivar. Outros requerem algo mais complexo, como o estabelecimento de prémios reconhecendo a realização da atividade ou sugestões para apresentar os seus trabalhos em grande grupo. No entanto terá maior significado uma aprendizagem cuja verdadeira recompensa é aprender a própria língua, uma meta desafiante.

A melhor coisa que um professor pode fazer para ajudar um aluno a ter uma atitude positiva é trabalhar em sua própria atitude. Um professor que entra na sala de aula com um espírito de igualdade fará com que os alunos se sintam mais confortáveis expressando atitudes esperadas o que constitui também um grande passo para uma comunicação eficaz.

Os benefícios do drama, das histórias, da mímica, do role play e das simulações para desenvolver a imaginação não devem ser subestimados. Nas nossas rotinas escolares de memorização e matéria obrigatória, por vezes não gastamos tempo suficiente para incentivar nossos alunos a usar sua imaginação e ideias.

Pretende-se com a referência a estas diferentes atividades trazer a esta reflexão uma centelha que pretende transformar o comum em algo motivante ou até mesmo fascinante. Imaginação, criatividade e experiências compartilhadas são a força mágica que para além dos fatos, figuras e técnicas podem inspirar novas ideias e conversas. É com a imaginação que o ordinário se transforma em algo significativo. Há uma necessidade de cultivar essa característica nos nossos alunos.

A imaginação e a motivação estão intimamente ligadas aos sonhos e inspiram-nos levantar todas as manhãs. O drama e as histórias têm a capacidade de manter viva e / ou reavivar o que nossa rotina diária por vezes oculta. Através do drama e da história considera-se conseguir motivar os alunos a expressar as suas opiniões.

Precisamos de imaginação, experiências e histórias de outros para fazer um mundo melhor, mas também de bons exemplos a seguir. A fim de realizar qualquer coisa que valha a pena, primeiro precisamos imaginar e sonhar. Não devemos negligenciar essa faceta da sensibilidade humana. Pode parecer um ponto trivial, mas os sonhos sem imaginação seriam como a vida sem cor.



#### **4. Conclusão**

Numa perspectiva de visualizar a diferenciação pedagógica como forma de atenuar as diferenças cada vez mais visíveis, para que as desigualdades diante da escola se atenuem e, simultaneamente, para que o nível de ensino seja cada vez mais elevado esta busca por ferramentas que permitam melhorar a prática pedagógica pretende ter sido esclarecedora do empenho que não podemos descuidar enquanto professores.

Se a maioria das nossas salas de aulas continuam iguais às de há décadas atrás vamos pelo menos tentar fazer a diferença em termos de recursos humanos.

Para que tudo isto seja real é importante que o professor reflita sobre todo o processo de ensino/ aprendizagem e consequentemente se vá ultrapassando e ele próprio consiga ser diferente não se demitindo do seu papel enquanto educador, investigador em busca de mais conhecimento e não encarar a aprendizagem como transmissão de conhecimento, mas sim como participante de todo o processo.

Um professor deve ter a capacidade de questionar a sua prática de forma crítica, ser capaz de diagnosticar problemas e tomar decisões práticas e eficazes para a melhoria do processo de ensino/ aprendizagem.

A planificação de uma aula deve passar a ser encarada de uma forma diferente, será uma planificação participativa e partilhada entre professor e aluno onde o trabalho de grupo ou de projeto ganham grande importância.

O aluno passa a ter capacidade de autocorreção que leva indubitavelmente ao autoconhecimento.

Para Freinet existe uma relação direta entre o mundo social e o mundo físico através da atividade coletiva, em contexto escolar o trabalho de grupo, e a liberdade de escolha e de decisão sobre o que fazemos.

Neste ponto não podemos deixar de considerar que o papel do professor não pode ser de autoritarismo ou de sobreposição.

O professor não pode dissociar-se do seu papel e corroborando com a opinião de Pedro d'Orey da Cunha deve ter em conta dez princípios que devem caracterizar a relação pedagógica: O princípio da fascinação, da Expectativa, do Respeito, do Encorajamento, da Compreensão, das Consequências, do Diálogo e da Exigência. (Pedro d' Orey, 1989)

É assim muito importante romper com a pedagogia desatualizada que ainda está em prática nas nossas escolas. O professor e o manual escolar como centro do processo educativo não podem continuar a sê-lo sob pena de não conseguirmos formar crianças, futuros adultos, com capacidade de escolha ou de autonomia para determinar o rumo das suas vidas.

Cada vez mais cedo os jovens têm de fazer escolhas decisivas para o seu futuro, então porque não começar desde tenra idade a prepara-los para essas escolhas.



*Figura 5 - Os 4 Pilares da Educação*

(Jacques Delors, 2010)

Através de alguns recursos referidos nesta reflexão, no caso específico da disciplina de inglês pretendeu-se ter um ponto de partida para educar e formar alunos que consigam realmente ser mais autónomos, capazes de decidir por si próprios sendo conscientes das consequências dos seus atos.

Por último considerar que esta reflexão parece estar a servir como lição de vida enquanto tentativa de colocar em prática alguns princípios outrora experimentados, os princípios escutistas e o lema preconizado por B.P. (Robert. S. Baden Paul) fundador do movimento:

**“ Ask the boys...”**

*Robert Stephenson Smyth Baden-Powel*

## 5. Bibliografia

- Afonso Lourenço, A., & Olímpia, Almeida, M. (2010). A motivação escolar e o processo de aprendizagem. *Ciências & Cognição*, 15(2), 132–141.
- Almeida, J.P. (2002). *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. Campinas: Pontes Editores.
- Blatchford I. (2004). *Manual de desenvolvimento curricular para a educação de infância*. Lisboa: Texto Editores.
- Bruner, J. (1996). *The culture of education*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Cestaro, S. (2010). *O ensino de língua estrangeira: História e Metodologia*. Universidade Federal Rio Grande do Norte.
- Cunha, P. d' Orey (1989). *Relação pedagógica*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Delors, J. (1999). *Comissão internacional sobre educação para o século XXI. Educação um tesouro a descobrir*. São Paulo: Editora Cortez.
- Early childhood education journal June 2005*, Volume 32, Issue 6, pp 391
- Epstein, S. (2003). *All about high/scope*. Michigan: HSERF.
- Epstein, S. (2007). *What it means to be an intencional teacher*. Michigan: HSERF.
- Formosinho, J. (1998). *Modelos curriculares para a educação de infância*. Porto: Porto Editora.
- Formosinho, J. (2013). *Modelos curriculares para a educação de infância construindo uma práxis de participação*. Porto: Porto Editora.
- González, Pedro (2002). *O movimento da escola moderna. um percurso cooperativo na construção da profissão docente e no desenvolvimento da pedagogia escolar*. Porto: Porto Editora.
- Gregório, C., Perdigão, R, e Casas-Novas, T. (2014). relatório técnico: *integração do ensino da língua inglesa no currículo do 1º ciclo do ensino básico*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.
- Guerreiro, M. (2006). *Avaliar em educação de infância: do possível ao ideal*. (Dissertação de mestrado não publicada), Universidade de Évora, Évora.
- Harmer, J. (1988). *How to teach english*. London: Longman.
- Heacox D. (2006). *Diferenciação curricular na sala de aula*. Lisboa: Porto Editora.
- High Scope Portugal (s.d.). *O curriculum*. <http://www.highscope-portugal.org/pt-pt/o-curriculum.asp>.

- Holden, S., Wong, C. (1982). *Drama in language teaching*. London: Longman.
- Kirkland, L.D. & Patterson, J. E. (2005). *Developing oral language in primary classrooms*. London: Springer.
- Leffa, Vilson J.(1988). *Metodologia do ensino de línguas*. In bohn, h. I.; vandresen, P. Tópicos em linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: UFSC.
- Ments, M. (1999). *The effective use of role play*. London: Biddles Limited.
- Nunan, D. (2003). *Practical english language teaching*. New York: McGraw-Hill.
- Ortiz,T., Saldanha, A. (2017). *Guia de intervenção em neuroeducação*. Lisboa:Coisas de ler.
- Pinto, A. & Gomes, M., (2013). *O plano individual de trabalho e o estudo autónomo*. Porto: E.copy.
- Przesmycki, H. (1991). *Pédagogie différenciée*. Paris: Hachette.
- Rees G. (2004). *Teaching mixed-ability classes 1*. London, UK: London Metropolitan University.
- Tomlinson, C. A. (2001). *How to differentiate instruction in mixed-ability classrooms*. Alexandria, Va: Association for Supervision & Curriculum Development.